

# Ana Martins Marques

## I

O que o dia tece,  
a noite esquece.  
O que o dia traça,  
a noite esgarça.  
De dia, tramas,  
de noite, traças.  
De dia, sedas,  
de noite, perdas.  
De dia, malhas,  
de noite, falhas.

## II

A trama do dia  
na urdidura da noite  
ou a trama da noite  
na urdidura do dia  
enquanto teço:  
a fidelidade por um fio.

## III

De dia dedais.  
Na noite ninguém.

## IV

E ela não disse  
já não te pertença  
há muito entreguei meu coração ao sossego  
enquanto seu coração balançava em viagem  
enquanto eu me consumia

16 | entre os panos da noite  
você percorria distâncias insuspeitadas  
corpos encantados de mulheres com cujas línguas  
estranhas eu poderia tecer uma mortalha  
da nossa língua comum.

E ela não disse  
no início ainda pensei em você  
primeiro como quem arde diante de uma fogueira  
apenas extinta  
depois como quem visita em lembrança a praia da infância  
e então como quem recorda o amplo verão  
e depois como quem esquece.  
E ela também não disse  
a solidão pode ter muitas formas,  
tantas quantas são as terras estrangeiras,  
e ela é sempre hospitaleira.

## V

A viagem pela espera  
é sem retorno.  
Quantas vezes a noite teceu  
a mortalha do dia.  
quantas vezes o dia  
desteceu sua mortalha?  
Quantas vezes ensaiei o retorno –  
o rito dos risos,  
espelho tenro, cabelos trançados,  
casa salgada, coração veloz?  
A espera é a flor que eu consigo.  
Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo.

## VI

17 | E então se sentam  
lado a lado  
para que ela lhe narre  
a odisseia da espera.

E o que é o amor  
senão a pressa  
da presa  
em prender-se?

A pressa  
da presa  
em  
perder-se

Pode ser que como as estrelas  
as coisas estejam separadas  
por pequenos intervalos de tempo  
pode ser que as nossas mãos  
de um dia para o outro  
deixem de caber  
umas dentro das outras  
pode ser que no caminho para o cinema  
eu perca uma das minhas ideias  
preferidas  
e pode ser  
que já na volta  
eu me tenha resignado  
alegremente  
a essa perda  
pode ser  
que o meu reflexo sujo  
no vidro da lanchonete  
seja uma imagem de mim  
mais exata  
do que esta fotografia  
mais exata do que a lembrança  
que tem de mim  
uma antiga colega de colégio  
mais exata do que a ideia  
que eu mesma  
agora tenho de mim  
e portanto pode ser  
que a moça cansada  
de olhos tristes

que trabalha na lanchonete  
tenha de mim uma imagem  
mais fiel  
do que qualquer outra pessoa  
pode ser que um gesto  
um jeito de dobrar  
os lábios  
te devolva  
subitamente  
toda a infância  
do mesmo modo que uma xícara  
pode valer uma viagem  
e uma cadeira  
pode equivaler a uma cidade  
mas um cachorro estirado ao sol não é o sol  
e uma quarta-feira não pode ser o mesmo que  
uma vida inteira  
pode ser  
meu querido  
que esquecendo em sua cama  
meu brinco esquerdo  
eu te obrigue mais tarde  
a pensar em mim  
ao menos por um momento  
ao recolher o pequeno círculo  
de prata  
cujo peso  
o frio  
você agora sente nas mãos  
como se fosse  
(mas é tão inexacto)  
o meu amor.

Colecionamos objetos  
mas não o espaço  
entre os objetos

fotos  
mas não o tempo  
entre as fotos

selos  
mas não  
viagens

lepidópteros  
mas não  
seu voo

garrafas  
mas não  
a memória da sede

discos  
mas nunca  
o pequeno intervalo de silêncio  
entre duas canções

## IL POVERELLO

Desgrenhado e meigo, andava na floresta.  
Os pássaros dormiam em seus cabelos.  
As feras o seguiam mansamente.  
Os peixes bebiam-lhe as palavras.

Dentro dele todo o caos se resolvera  
Numa ingênua certeza: — “Preguei a paz,  
Mostrei o erro, domei a força, curei o mal.  
Antes de mim, o crime. Depois de mim, o amor.”

Mas a floresta esqueceu, no outro dia,  
O bíblico sermão e, novamente,  
O lobo comeu a ovelha, a águia comeu a pomba,  
Como se nunca houvera santos nem sermões.

## BALADILHA

Morre o boi  
Quando chega ao fim  
A paciência bovina  
De mascar capim,  
De puxar o carro,  
De servir ao homem  
Que o mata e come.

Morre o cão  
No meio da rua  
Sob a luz da lua  
A que tanto uivou.  
Guardou fielmente  
O celeiro do homem,  
Mas morreu de fome.

Morre o pássaro  
Dentro da gaiola.  
Quando é noite e o canto  
Já não o consola.  
Pela última vez  
Canta para o homem  
Que, embora livre, dorme.

*Envoy:*

Hômem, não seas  
Pássaro nostálgico,  
Cão ou boi servil.  
Levanta o fuzil  
Contra o outro homem  
Que te quer escravo.  
Só depois disso morre.

DO MECENATO

Ele vive  
Como um leão de circo.

De manhã, alguém  
Deixa sobre o chão  
Da jaula, ainda suja  
De excremento e sonhos,  
O prato de ração.  
Nesse instante, ele pensa  
(Breve espaço sem grades)  
Um mundo mais justo,  
Onde o pão não custe  
Essa cabeça baixa,  
Esse rubor ao insulto,  
Esse olhar melancólico  
A todas as escadas.

De dia, ele corre  
O picadeiro com  
A juba irritada  
E urra como bicho  
E vocifera, mas  
Um chicote o traz  
De volta à realidade.  
Então, submisso,  
Ele rola a bola,  
Ele pula o arco,

Ele sobe o degrau  
Sob o olhar ferino  
Da culta platéia,  
Que no riso se vinga  
Desse leão frustrado  
Que há em todos nós.

De noite, ele volta  
À rua de sempre,  
À lua de sempre,  
Ao sono de sempre  
Sob cobertores  
E dorme, no consolo  
De que, neste mundo,  
Apesar de tudo,  
Há sempre mais leões  
Do que domadores.

## VOLTA À LEGALIDADE

Decretamos silêncio, mas alguns  
Murmuravam ainda. Decepamos  
A língua obstinada.

Proibimos lanternas, mas alguém  
Nos olhava do escuro. Trespassamos  
O olho indagador.

Pedimos sujeição, mas houve punhos  
Erguidos contra nós. Inauguramos  
A fase dos reféns.

Persistia a desordem. Era inútil  
A tática cristã. Então usamos  
A parede e o fuzil.

Hoje estamos, Comandante, receosos  
Nesta cidade morta, onde escutamos  
Ruídos tenebrosos.

Os cães latem demais. Há mesmo casos  
De deserção na tropa. O medo, agora,  
É hóspede constante.

Eis a última mensagem, Comandante:  
A ordem foi mantida. Agora é tarde:  
Deus nos guarde.

## DE VULGARI ELOQUENTIA

A realidade é coisa delicada,  
de se pegar com as pontas dos dedos.

Um gesto mais brutal, e pronto: o nada.  
A qualquer hora pode advir o fim.  
O mais terrível de todos os medos.

Mas, felizmente, não é bem assim.  
Há uma saída — falar, falar muito.  
São as palavras que suportam o mundo,  
não os ombros. Sem o “porquê”, o “sim”;

todos os ombros afundavam juntos.  
Basta uma boca aberta (ou um rabisco  
num papel) para salvar o universo.  
Portanto, meus amigos, eu insisto:  
falem sem parar. Mesmo sem assunto.

## BAGATELA PARA A MÃO ESQUERDA

Escrever com a mão esquerda  
é tarefa bem ingrata.  
Não seria empreendida  
se não fosse estritamente  
necessária.

A mão esquerda é mais dura,  
mais austera, e desconfia  
desses gestos estouvados  
que a mão direita, impensada,  
esbornia.

A mão esquerda é vedado  
o recurso falso e fácil  
de dispensar partitura,  
a fraqueza (dita força)  
do hábito.

Daí o jeito contido  
das coisas que ela produz,  
o ar desesperançado  
de quem até nem precisa  
vir à luz.



(No entanto, ela escreve coisas  
da mais esconsa eloquência:  
atropelar o sentido  
ao contrapelo da pauta  
é sua ciência.)

## TRÊS TERCINAS

## VÉSPERA

No trivial do sanduíche a morte aguarda.  
Na esquia escuridão da geladeira  
dorme a sono solto, imersa em mostarda.

A hora é lerda. A casa sonha. A noite inteira  
algo cricrila sem parar — insetos?  
O abacaxi impera na fruteira,

recende esplêndido, desperdiçando espetos.  
A lua bate o ponto e vai-se embora.  
Mesmo os ladrilhos ficam todos pretos.

A geladeira treme. Mas ainda não é hora.  
Se houvesse um gato, ele seria pardo.  
A morte ainda demora. O dia tarda.

## ACALANTO

Noite após noite, exaustos, lado a lado,  
digerindo o dia, além das palavras  
e aquém do sono, nos simplificamos,

despidos de projetos e passados,  
fartos de voz e verticalidade,  
contentes de ser só corpos na cama;

e o mais das vezes, antes do mergulho  
na morte corriqueira e provisória  
de uma dormida, nos satisfazemos

em constatar, com uma ponta de orgulho,  
a cotidiana e mínima vitória:  
mais uma noite a dois, e um dia a menos.

E cada mundo apaga seus contornos  
no aconchego de um outro corpo morno.

O dia inteiro perseguindo uma ideia:  
vagalumes tontos contra a teia  
das especulações, e nenhuma  
floração, nem ao menos  
um botão incipiente  
no recorte da janela  
empresta foco ao hipotético jardim.  
Longe daqui, de mim  
(mais para dentro)  
desço no poço de silêncio  
que em gerúndio vara madrugadas  
ora branco (como *lábios de espanto*)  
ora negro (como *cego, como*  
*medo atado à garganta*)  
segura apenas por um fio, frágil e físsil,  
ínfimo ao infinito,  
mínimo onde o superlativo esbarra  
e é tudo de que disponho  
até dispensar o sonho de um chão provável  
até que meus pés se cravem  
no rosto desta última flor.

De mãos postas o louva-a-deus ora,  
monge de primeira hora,  
longe do coro das cigarras  
enquanto a tarde esbarra  
na noite e, ombro a ombro,  
lutam o claro e a sombra  
até que, pesada, vence  
a escuridão.  
O lago, mais que um vago  
parêntese aberto na mata  
é a nata de um pensamento  
que, lento e lento, se formula  
na superfície nula da mente  
(inversamente ao que se deu  
naquele primeiro dia  
quando o rosto do homem abria  
em precipício, sobre deus):

## Vocação do Recife

para Jomard Muniz de Brito

Recife

*Não a Veneza americana*

*Não a Mauritsstad dos armadores das Índias*

*Ocidentais*

*Não o Recife dos Mascates*

*Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —*

*Recife das revoluções libertárias*

*Mas o Recife sem história nem literatura*

*Recife sem mais nada*

*Recife da minha infância*

Manuel Bandeira, "Evocação do Recife"

Recife sim  
das revoluções libertárias  
da teimosia ácida  
do contra.

não o Recife da minha infância  
de golpe e exílios  
gorilas e séquito  
de vermes venais.

Recife sim  
da coragem Caneca  
da conscientização neológica  
das lutas ligas lentes  
do sempre  
não.

Não o Recife sem literatura  
no papo raso da elite vesga  
a vida mole e a mente dura.

Recife sim  
poesia e destino  
na memória clandestina  
de sombras magras  
sobre pontes e postais.

Bandeira  
sutil na preterição sim.

Clarice sim  
frieza entranhada  
na estranheza de ser Recife.

Recife sim  
na literatura navalha  
só lâmina solar  
solidão sem soluços  
só suor de João Cabral.

Recife sim  
nos cortes certos  
de Sebastião  
contra a metáfora vaga  
e o secreto.

Não o Recife sonho consumo  
de turistas e prostitutas  
na praia do sim  
shopping sem graça  
de Boa Viagem.

Recife sim  
que em Nova Iorque  
se revê  
Hudson Capibaribe  
ecos de Amsterdam.

Recife rios  
ilhas retalhos  
retiros velhos  
reflexos de Holanda.

Não o Recife que revolta  
na extrema diferença.  
Não o Recife que expulsou  
sua própria inteligência.

Recife sim  
que se revolta  
vivo.

Faca clara  
que ainda fala  
não.

[de *Brasibrasiro*]

&gt;

q

c

d

r

t

r

n

l

c